

# O TRONCO DA COPAÍBA E OUTROS CORDÉIS CIENTÍFICOS



**RODRIGO LEONARDO COSTA DE OLIVEIRA**

RODRIGO LEONARDO COSTA DE OLIVEIRA

**O TRONCO DA  
COPAÍBA  
E OUTROS CORDÉIS CIENTÍFICOS**

BOA VISTA, RR.  
1ª EDIÇÃO, 2021.



O tronco da copaíba e outros cordéis científicos. Copyright® 2021 by Rodrigo Leonardo Costa de Oliveira. Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional CC BY.



Esta obra pode ser reproduzida, adaptada ou copiada, desde que mencionada a fonte/autoria. A violação dos direitos dos autores é crime estabelecido pelas leis penais brasileiras (Lei N. 9.610/98 e Código Penal Brasileiro).

#### UERR Edições

Universidade Estadual de Roraima  
Rua 7 de Setembro, N. 231.  
Bairro Canarinho. CEP. 69306-530.  
Tel. (95) 2121-0944  
CNPJ: 08.240.695/0001-90  
contato@edicoes.uerr.edu.br

#### Conselho Editorial

Isabella Coutinho Costa  
Márcia Teixeira Falcão  
Mário Maciel de Lima Júnior  
Rafael Parente Ferreira Dias  
Rodrigo Leonardo Costa de Oliveira

#### Equipe Editorial

Carlos Eduardo Bezerra Rocha  
Cláudio Souza da Silva Júnior  
Josiane Gabriel Teixeira da Cruz

#### Universidade Estadual de Roraima

Regys Odlare Lima de Freitas, *Reitor*.  
Cláudio Travassos Delicato, *Vice-Reitor*.  
Elemar Kleber Favreto, *Pró-Reitor de Ensino e Graduação*.  
Vinicius Denardin Cardoso, *Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação*.  
André Faria Russo, *Pró-Reitor de Extensão e Cultura*.  
Alvim Bandeira Neto, *Pró-Reitor de Planejamento e Administração*.  
Ana Lídia de Souza Mendes, *Pró-Reitora de Orçamento e Finanças*.  
Glória Maria Souto Maior Costa Lima, *Pró-Reitora de Gestão de Pessoas*.

**Projeto e diagramação:** Cláudio Souza Jr. <claudio@uerr.edu.br>

**Ilustrações:** Will Cavalcante <williancavalcantepa@gmail.com>

**Revisão:** Profa. Márcia Falcão <marciafalcao.geog@uerr.edu.br>; Profa. Sandra Kariny <sandra@uerr.edu.br>.

**1ª edição:** ebook (PDF).

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O48t	Oliveira, Rodrigo Leonardo Costa de. O tronco da copaíba e outros cordéis científicos / Rodrigo Leonardo Costa de Oliveira. – Boa Vista, RR: UERR Edições, 2021.  PDF (53 p.) : il. ISBN: 978-65-89203-08-7 ISBN: 978-65-89203-06-3 (impresso) ISBN: 978-65-89203-07-0 (ebook epub)  1. Botânica. 2.Literatura. 3. Cordel. 4. Roraima. I.Universidade Estadual de Roraima.  CDD: 581.4
------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Jeana Garcia Beltrão Macieira (CRB 11/589)

**1ª edição, 2021.**



À Maria Vitória

*Se aprendesse qualquer coisa, necessitaria aprender mais, e nunca ficaria satisfeito.*

Graciliano Ramos

## "ABRIÇÃO"

Caros leitores, neste novo livro, Rodrigo L. C. de Oliveira continua nos convidando a admirar a cultura popular em cordel; mostrando que seus textos podem colaborar, estimular e possibilitar mais conhecimento. Além de trazer um novo olhar para os textos de Botânica, tornando-os mais interessantes e motivadores quando associados ou integrados com outras áreas, como a literatura, música, artes, etc.

O livro começa esclarecendo A origem da agricultura, dando destaque à domesticação e ao cultivo das principais plantas da época, mostrando da fartura à cobiça.

Em seguida, mostra a Etnobotânica aplicada à conservação da biodiversidade descrevendo conceitos, técnicas, práticas de boas coletas, de identificação e conservação das plantas. Aliando a importância das cooperativas, dos cuidados com a natureza e da sustentabilidade.

Ao longo do livro, exalta o potencial e mostra os usos de uma admirável árvore... em Uma breve história das copaíbas. Consideradas como uma árvore de grande porte da região Amazônica e que possui diversas possibilidades de uso, desde medicinal, alimentício, até na marcenaria geral e construção civil; é da copaíba que retiraram o óleo e aproveitam a alta qualidade da madeira.

E finaliza o livro com um relato em que pontuou a força d'O tronco da copaíba em uma analogia com a vida das pessoas que encaram as adversidades do tempo, os obstáculos do dia a dia em busca de oportunidade e troca de experiência; mas sem perder os ensinamentos do tempo, unindo o conhecimento científico com a sabedoria popular dos experientes.

Aproveitem a leitura.

Prof. Eduardo B. Almeida Jr.  
Universidade Federal do Maranhão



Todo cordel tem um Marco  
Caju vermelho-amarelo  
Nossa árvore da vida  
O alecrim caramelo  
A copaíba dourada  
Angelim gigante e belo.

# SUMÁRIO

<b>A ORIGEM DA AGRICULTURA.....</b>	<b>7</b>
<b>ETNOBOTÂNICA APLICADA À CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE.....</b>	<b>15</b>
<b>UMA BREVE HISTÓRIA DAS COPAÍBAS.....</b>	<b>23</b>
<b>O TRONCO DA COPAÍBA.....</b>	<b>30</b>
<b>O AUTOR.....</b>	<b>53</b>

# A ORIGEM DA AGRICULTURA



Vim contar casos passados  
Com versos desde abertura  
Fatos da Humanidade  
Que dou minha assinatura  
Pois deixo aqui registrado  
Origem da Agricultura.

Os humanos que vieram  
Após os Neandertais  
Migraram por todo globo  
Lá desde os Orientais  
Sibéria, Europa e Ásia  
Aos lados Ocidentais.

Na América do Norte  
Há uns 14 mil anos  
Herbívoros das Savanas  
Eram comidas pr'humanos  
Muitos desapareceram  
Eram caça sem enganos.

Há uns 18 mil anos  
As geleiras retraíram  
Florestas iam ao Norte  
Pradarias reduziram  
E seus grandes animais  
Tão logo diminuíram.

No mundo talvez houvesse  
5 milhões de habitantes  
Que para alimentação  
Mudavam todo instante  
Novos recursos surgiam  
Alguns locais abundantes.

E alguns povos costeiros  
O cultivo iniciaram  
Obtendo nova fonte  
E também asseguraram  
Qualidade do alimento  
Foi assim que começaram.

E a domesticação  
Das populações de plantas  
Foi por conta do cultivo  
E seleção d'outras tantas  
Que assim selecionadas  
Deram variáveis quantas.

E com a domesticação  
Dos tipos de cereais  
Cevada, trigo e arroz  
E também os milharais  
Os grãos ficaram maiores  
Com mais adicionais.

Eles ficaram maiores  
Porém as suas sementes  
Perderam a dispersão  
Mas com sabor de repente  
Pra comida e replantio  
Acontecem facilmente.

E os tipos cereais  
Perderam capacidade  
Do processo natural  
Aumentou intensidade  
Então humanos agora  
Dependem da quantidade.

E assim este processo  
De domesticar concluiu  
Que tais plantas cultivadas  
Dependiam de plantio  
Tão logo os seres humanos  
Deste bem que produziu.

Dizem que ao redor do mundo  
Grandes centros existiram  
Onde a domesticação  
De plantações definiram  
11 pontos diferentes  
Que isolados persistiram.

E no Oriente Médio  
Existia um lugar  
Chamado Crescente Fértil  
Por primeiro cultivar  
Trigo, cevada e lentilha  
E ervilha pra contar.

Também tinha grão-de-bico  
Tinha fava e oliveira  
Como também existia  
A Romã e tamareira  
Cerveja de cereais  
Também vinho da videira.

Como também é provável  
Que no Jordão tinha o figo  
Tinha o cultivo do linho  
Como alimento que digo  
E também pra tecelagem  
Já naquele tempo antigo.

Os cereais eram tidos  
Como fonte de energia  
Pelos seus carboidratos  
Tinham muito mais valia  
E sementes de legumes  
Por proteínas se via.

Tal fato não é surpresa  
Que no decorrer da história  
As ricas leguminosas  
Seguiram tal trajetória  
E juntas com os cereais  
As trazemos na memória.

E em sequência surgiu  
Outra domesticação  
De inúmeros animais  
O primeiro foi o cão  
E ovelhas, cabras, bois  
Como também o leitão.

Os cães vieram dos lobos  
Cinzas do médio Oriente  
Os gatos domesticados  
Também de lá consequente  
Bem como do norte da África  
Registro aqui no repente.

Quanto aos animais herbívoros  
Domesticados comiam  
Os cultivos disponíveis  
Naturais também serviam  
Leite, queijo, ovos, pele  
E lã eles produziam.

E à medida que o número  
Dos humanos aumentava  
O rebanho dos herbívoros  
Também logo acompanhava  
Essa criação também  
Aos donos alimentava.

E como tal consequência  
Veio uma destruição  
De paisagens naturais  
Por aquela região  
E ficaram as pastagens  
E desertificação.

Foi de lá do Oriente Médio  
Que agricultura surgiu  
Foi à Europa e Bretanha  
Naquele chão prosseguiu  
Em outras partes do mundo  
Independente seguiu.

É que dizem que na China  
Também era praticada  
Tinham plantios de grãos  
E de painços baseada  
Domesticaram arroz  
E soja nessa empreitada.

E em outras partes da Ásia  
Tinham plantas diferentes  
Com legumes e raízes  
Num sistema competente  
Com búfalos e camelos  
Galináceos consequente.

Outra fonte de alimentos  
Foi a Ásia tropical  
Que vieram muitas plantas  
Que hoje temos no quintal  
O inhame e vários cítricos  
E o belo mangueiral.

A cana-de-açúcar  
Da Nova Guiné que veio  
Como bananas e taro  
Que estão no nosso meio  
Agora vamos pra África  
Deixar este cordel cheio.

Na África tinha o sorgo  
E cultivo de algodão  
E também vários painços  
Quiabo e muito feijão  
Muitos caules e raízes  
Nascem nessa região.

Do algodão fabricamos  
Tecidos e alimentos  
E café veio da África  
Mas em um outro momento  
Após muitas dessas plantas  
Ditas neste documento.

Na América tivemos  
A presença do algodão  
De diferentes espécies  
Que vimos até então  
No México e no Sul  
Com anos de produção.

Mas três centros de origem  
Na América existiram  
No México e na Central  
Bem assim coincidiram  
Na América do Sul  
E no Norte definiram.

As plantas do Novo Mundo  
Da Europa diferiam  
Com morangas e abóboras  
O milho e feijões se viam  
Amendoim e faveiras  
E tomates se colhiam.

As principais cultivadas  
Trago agora no debate  
Tem outras leguminosas  
O tabaco e abacate  
Abacaxi e cacau  
Amaranto e o tomate.

Muitos tipos de tubérculos  
Tinham sido cultivados  
Também cultura de sementes  
Quinoa e relacionados  
Destacamos mandioca  
Batata-doce aos bocados.

Assim encerro esta prosa  
De origem da Agricultura  
Lá no Oriente Médio  
Começo da aventura  
E em todo o planeta  
Eu também fiz cobertura.

Boa Vista, 23 de maio de 2020.

# ETNOBOTÂNICA APLICADA À CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE



Na biodiversidade  
A sua conservação  
É assunto de estudos  
E tema de discussão  
Junta a Sociedade  
E a Universidade  
Para buscar solução.

E a Etnobotânica  
Tem por meta estudar  
Interações das pessoas  
Com as plantas do lugar  
Compreendendo conceitos  
Entendendo os preceitos  
Qu'estão a observar.

Neste conceito já temos  
Um lema bem evidente  
Que busca a união  
De duas partes presentes:  
Os fatores culturais  
E também ambientais  
Num método coerente.

Agora nossa Ciência  
Mostra seu embasamento  
E com muitas outras áreas  
Produz o conhecimento  
Unindo Matemática  
Com História e Gramática  
Presentes neste momento.

Tudo isso se reúne  
Junto com Ecologia  
Saúde, comportamento  
E a Antropologia  
Tem também os econômicos  
E às vezes astronômicos  
Mais a Farmacologia.

Mas o tema principal  
Que nós temos em questão  
Requer muito do trabalho  
Em sua concepção  
Definindo variáveis  
E as perguntas testáveis  
Já na observação.

Os saberes e as práticas  
São assim apresentados  
Pelos nossos informantes  
Bem caracterizados  
E suas indagações  
Nos trazem grandes lições  
Quando são interpretados.

E para realizar  
Este estudo de fato  
Teremos que conhecer  
Tudo de modo sensato  
As plantas de interesse  
Que vivem no meio desses  
Faz logo imediato.

Num meio quantitativo  
O nosso primeiro passo  
É registrar as espécies  
Existentes no espaço  
As parcelas alocamos  
E as árvores contamos  
Sem vos causar embaraço.

Para abranger a área  
Devemos ter atenção  
Pra o estudo tomar  
A mais certa direção  
Reconhecer locais de uso  
Para não ficar confuso  
Pra listar vegetação.

Fitossociologia  
Deve ser realizada  
Pois assim conheceremos  
Toda a estruturada  
Desde a horizontal  
E também a vertical  
Sendo tudo amostrada.

Após a mensuração  
E já feita a coleta  
Devemos herboriza-las  
Da maneira mais correta  
É preciso atenção  
Na identificação  
É a forma mais direta.

Com identificação  
Concluimos inventário  
E agora será hora  
De seguir com o sumário  
E teremos uma lista  
Seguindo com entrevista  
Por algum questionário.

A entrevista terá  
Que seguir padronizada  
De modo a atender  
Melhor sua empreitada  
Tirar da explanatória  
Amostra satisfatória  
Na semiestruturada.

A entrevista requer  
Alguns cuidados tomar  
D'acordo com a pergunta  
O que vai realizar  
Pode ser percepção  
Que ruma conservação  
Das espécies do lugar.

Concluindo entrevistas  
Se percebe ao final  
Toda a comunidade  
E o seu saber local  
É vez de correlações  
Para tirar conclusões  
Num aspecto geral.

É momento da análise  
Para chegar adiante  
Salientar as espécies  
E ver as mais importantes  
Ver o significado  
E o produto levantado  
Pelas mais interessantes.

Agora com resultado  
É hora de projetar  
Mais ações e outros planos  
Para poder manejar  
As espécies exploradas  
Que são mais necessitadas  
E assim perpetuar.

Com a participação  
Da própria comunidade  
Buscam-se alternativas  
Com interatividade  
Integrando as pessoas  
Para colher coisas boas  
Com melhor capacidade.

Desta forma promover  
Treinamentos regulares  
Sobre uso sustentável  
E seus diversos olhares  
Métodos de proteção  
Manejo, conservação  
Começando pelos lares.

Bem como desenvolver  
As práticas de coletas  
Sistemas de inventário  
E gerenciar as metas  
Mais o monitoramento  
Tomando embasamento  
E as medidas corretas.

Criar cooperativas  
Muito bem coordenadas  
Com sistemas de mercado  
E melhores empreitadas  
A conservação in situ  
E conservação ex situ  
Devem ser realizadas.

E também avaliar  
A sustentabilidade  
Para se fazer cultivo  
Em cada propriedade  
Pois com essa parceria  
Muito disso se teria  
Com a tal prosperidade.

E a Etnobotânica  
Assim deixa o recado  
Para usar o recurso  
Sem sair prejudicado  
E encerro o ensejo  
Com o plano de manejo  
Do seu futuro plantado.

Manaus, 22 de fevereiro de 2016.

Baseado no capítulo de livro: ALBUQUERQUE, U.P. 2010. Etnobotânica aplicada à conservação da biodiversidade. In: ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; CUNHA, L.V.F.C. Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica. 351-364.

# UMA BREVE HISTÓRIA DAS COPAÍBAS



Copaibeiras são árvores  
Encontradas no Brasil  
Na região Amazônica  
Quem aqui nunca as viu?!  
Estão também no Sudeste  
Nordeste, Centro-Oeste  
Vou lhes contar seu perfil.

Pois também estão presentes  
Na América Latina  
África Ocidental  
Tudo como se ensina  
Vivem 400 anos  
Mas não tenha um engano  
Da cor da sua resina.

Atingem 40 metros  
De altura com firmeza  
Também até 4 metros  
De diâmetro, certeza  
E reluzem feito ouro  
Da floresta um tesouro  
Presente da natureza.

Tem a casca aromática  
E uma densa folhagem  
Possuem flores pequenas  
E frutos do tipo vagem  
Pretas são suas sementes  
Com arilos reluzentes  
Mudam toda paisagem.

E dela é extraído  
Óleo-resina dourado  
Sucesso na medicina  
Há muito utilizado  
Um produto natural  
No Brasil colonial  
Que já era exportado.

França, Estados Unidos  
Inglaterra, Alemanha  
Do centro da Amazônia  
Era alvo de barganha  
As potencialidades  
Diversas utilidades  
Ganharam fama tamanha.

Também algumas espécies  
Interessam a madeira  
Que é lisa e lustrosa  
Durável e de primeira  
Marcenaria geral  
Construção civil, naval  
Assim usam por inteira.

Bem como utilizadas  
Para a fabricação  
Desde peças torneadas  
À prática do carvão  
De suas utilidades  
Que já ouvi em verdade  
Até alimentação.

É da família Fabaceae  
Pela classificação  
Do gênero Copaifera  
Muitas espécies então  
Um pouco mais de 70  
Que na qual se reinventa  
Em mais uma região.

No Brasil são 16  
Espécies exclusivas  
Na África nós contamos  
19 atrativas  
E tem também na Ásia  
Na Ilha Bornéu, Malásia  
Uma representativa.

Seu nome vem do Tupi  
Ao óleo é referente  
Cupa-yba é seu nome  
Que vos conto num repente  
É árvore de depósito  
Da jazida, seu propósito  
Que é muito pertinente.

O óleo da copaíba  
Era muito preferido  
Do índio americano  
Para tratar dos feridos  
Foi também medicinal  
No coto umbilical  
Dos filhos recém-nascidos.

E tal conhecimento  
Vem da observação  
Que os animais feridos  
Chamavam a atenção  
Pois nos troncos atritavam  
E assim eles buscavam  
Sua cicatrização.

Desde os primeiros anos  
Após o descobrimento  
Viajantes, jesuítas  
Tem esse entendimento  
Do uso medicinal  
E indicam para tal  
Com todo consentimento.

Nos anos 1500  
Houveram publicações  
De latim para francês  
Também outras traduções  
Ao bálsamo exaltavam  
Seus efeitos ressaltavam  
Com grandes repercussões.

O excelente odor  
O poder cicatrizante  
Eram tão referendados  
Que a fez tão importante  
E o óleo foi o tal  
Comentário mundial  
Disso foi o resultante.

Daí ela se tornou  
Um produto respeitado  
No Maranhão, Grão Pará  
Com todo seu predicado  
Eram muitas qualidades  
Pra tantas enfermidades  
Que logo foi exportado.

A primeira descrição  
Exposta e ilustrada  
Em detalhes de florestas  
Sucedeu na empreitada  
De MarcGrave e Piso  
Que mandaram o aviso  
Do termo denominada.

Aspectos morfológicos  
Então possibilitou  
Na descrição da espécie  
E Linnaeus a revelou  
Concluindo ao final  
A forma oficial  
Depois que Jacquin errou.

1818: O governo do império  
Promulgou regulação  
Proibindo derrubada  
E a sua extração  
Assim veio limitar  
Pra não deixar acabar  
O tesouro do rincão.

1821: Mais duas novas espécies  
Foram adicionadas  
E 4 anos depois  
Foram mais consideradas  
Daí chegaram mais oito  
Mas Hayne foi mais afoito  
Com 16 confirmadas.

Essas tais obras de Hayne  
E mais outras descrições  
Deram frutos pra pesquisas  
Com novas expedições  
Servindo de ampla base  
Entrando em nova fase  
Outras realizações.

Espécies americanas  
Por fim foram detalhadas  
Obras de Bertham, Von Martius  
Harms e Ducke compiladas  
A Flora Brasiliensis  
Amazônia, cearenses  
Foram as realizadas.

Boa Vista, 08 de março de 2016.

Baseado no artigo: PIERI, F.A.; MUSSI, M.C.; MOREIRA, M.A.S. Óleo de copaíba (*Copaifera* sp.): histórico, extração, aplicações industriais e propriedades medicinais. 2009. Revista Brasileira de Plantas Medicinais 11(4):465-472.

# O TRONCO DA COPAÍBA



Atenção caro leitor  
Pois quero a rima encaixar  
Uma verseja de luta  
Pra você acompanhar  
Puxo o verso na setilha  
Para não sair da trilha  
E tal fato registrar.

Em terras muito distantes  
Esta história se passou  
Um jovem quis conquistar  
O que ele sempre sonhou  
Ser estudado e valente  
Em um mundo diferente  
Daquele que imaginou.

Pois para poder vencer  
Enfrentará muito espinho  
Desafios bem difíceis  
Pra quem estará sozinho  
Mas tendo motivação  
E muita superação  
Há de encontrar o caminho.

Mas pra começo d'história  
Vamos ao descobrimento  
E as suas consequências  
Do índio aquele momento  
Pindorama que se viu  
Agora virou Brasil  
Num só acontecimento.

A grande questão da terra  
É de uma longa data  
Onde o Brasil já viveu  
Por vezes em concordata  
Uns queriam acabá-lo  
Outros, porém, preservá-lo  
Em guerra sem passeata.

De uma ponta a outra  
Muito por aqui se viu  
Desde quando as caravelas  
Atracaram no Brasil  
E ao índio sem licença  
Com qualquer indiferença  
Banido de forma vil.

A ocupação se deu  
Litoral-interior  
O índio mudou de casa  
Como um inferior  
Pois sem pólvora na mão  
Não há outra solução  
Só rever o seu valor.

E foi pra outro lugar  
Trabalhar em novas terras  
Adentrar pelo rincão  
E varar além das serras  
Encontrar nova morada  
Recomeçar a jornada  
Mais uma das velhas guerras.

Mas até chegar um dia  
De todos se encontrarem  
Saber que suas diferenças  
Que vos fazem igualarem  
Pois quem vive nesta terra  
Hora acerta antes erra  
Hão de todos se juntarem...

Agora volto à história  
Que me propus a contar  
Sobre aquelas coisas  
Que sempre vêm nos mostrar  
Pois é com suor na terra  
Que está a glória da guerra  
Que viemos pra lutar.

Em meio à Amazônia  
Tem uma relva cerrada  
Nela vive Paulo César  
Numa terra demarcada  
Eis que é sua maloca  
Que vive da mandioca  
De frutos e da caçada.

Na comunidade tem  
Plantação de outros produtos  
Mas é certo que também  
Necessitam de mais frutos  
Bem como arroz e feijão  
Tomate mais pimentão  
Também outros atributos.

Paulo César é o filho  
Do índio Ubirajara  
Um agricultor local  
E que há muito trabalhara  
Na cidade foi pedreiro  
Feirante, gari, oleiro  
E hoje se aposentara.

O índio Ubirajara  
Sente-se muito contente  
Porque na comunidade  
Tem ensino diferente  
Pois agora tem escola  
Onde ninguém mais enrola  
E estudo é competente.

Ubirajara: Assim o jovem de hoje  
Se prepara bem melhor  
Aprende a ter disciplina  
Sem encontrar o pior  
Pode estudar e formar  
E a vida melhorar  
Contando verso de cor.

O índio Ubirajara  
Tem quatro filhos amados  
As moças casaram cedo  
O rapaz também casado  
E Paulo César, caçula  
Teimoso que só a mula  
Quis ser um homem formado.

Paulo César estudou  
Na sua comunidade  
Na escola do governo  
Com muita felicidade  
E se faltou algo a mais  
Contou sempre com seus pais  
Vencendo a dificuldade.

Paulo César: Eu quero vencer na vida  
Sendo um homem letrado  
Quero conhecer o mundo  
Sendo bem valorizado  
Vou estudar 'inda mais  
Pois isso nunca é demais  
E`starei realizado

E partiu para a cidade  
Com muita satisfação  
A buscar a faculdade  
De Administração  
E se inscreveu nas cotas  
Alcançando boas notas  
Conseguindo aprovação.

E cursou os quatro anos  
Sendo muito dedicado  
Ganhou respeito de todos  
Colegas, Professorado  
Pois agora quis seguir  
Onde o vento possa ir  
E dá conta do recado.

Logo conseguiu emprego  
Por meio de conhecidos  
E trabalhou de gerente  
Sendo bastante aguerrido  
Fez crescer a sua loja  
Da tristeza que despoja  
Deixando dever cumprido.

Tudo caminhava bem  
Até que a crise chegou  
E o comércio caiu  
A sua loja fechou  
E muitos perderam tudo  
Outros fizeram miúdo  
Pra não dizer que acabou.

E Paulo César entrou  
Na fila do desemprego  
Vivendo com seu seguro  
Que dava pouco sossego  
Mas encontrar um trabalho  
É coringa no baralho  
Que nem presente de grego.

Não tendo outra opção  
Paulo César se voltou  
Para a universidade  
E bem logo procurou  
O que parecia lógico  
Fez curso tecnológico  
E muito certo encontrou.

E fez curso ambiental  
Por Agroecologia  
Que também se dedicou  
Toda noite, todo dia  
Pois não faltou a lição  
Chamando logo atenção  
De quem o seu bem queria.

Conseguiu bolsa em projeto  
Assim pode se manter  
Dedicou-se ainda mais  
Pra novo futuro ter  
Todos viam sua luta  
E sabendo da conduta  
Que ele podia fazer.

De um projeto foi a outro  
Trabalhando com alegria  
Dedicação, disciplina  
Na Agroecologia  
Fez palestra, oficina  
Em noites com cafeína  
Pela tecnologia.

Mas havia longas noites  
Que o sono não chegava  
Paulo César acordado  
Na sua vida pensava  
E lembrava da maloca  
Do gosto da mandioca  
Até que o sono embarcava.

Nesta noite ele sonhou  
Com a querida sua avó  
Que anos antes já partira  
Se sentia um pouco só  
Lhe era mãe e grande amiga  
A voz doce da cantiga  
Si, Lá, Sol, Fá, Mi, Ré, Dó

Lembrava de pai e mãe  
Pensava como seria  
Se tivesse lá ficado  
E em que vida teria  
Mas tomava rédea prumo  
Levantava com seu rumo  
E pra o estudo ele ia.

Mas o sonho com a avó  
E o que ela dizia  
Paulo Cesar não deixava  
De pensar nisso um só dia  
Que voltaria pra aldeia  
Pra mudar aquela areia  
Levar uma nova alegria.

Foi até que resolveu  
Rever todos os parentes  
E falou com professores  
E assim seguiu em frente  
Foi recebido com festa  
Por todos com uma seresta  
O que lhe deixou contente.

A festa tava animada  
E Paulo César feliz  
Pois viu de novo as pessoas  
E sempre muito gentis  
A gente da sua gente  
Todos naquele repente  
Dos seus tempos infantis.

Viu um grupo de crianças  
Que em círculo observavam  
Dois velhos que no centro  
As histórias lhes contavam  
Chegando perto ele viu  
E logo também sorriu  
Pois seus parentes tratavam.

Visitou dona Maria  
A senhora mais idosa  
De toda comunidade  
Lembrou da vó bondosa  
Que lhe mandou visitar  
Os parentes e encontrar  
Uma resposta duvidosa.

Mas eis qu'ele se depara  
C'uma jovem bem bonita  
De traços muito suaves  
Que ele não acredita  
- Mas quem será que é esta?  
- Bem aqui na nossa festa?  
- Quem será esta bendita?

Logo sua tia vem  
E lhe puxa pelo braço  
Vai levando em direção  
Da bela sem embaraço  
E é quando se aproxima  
Que lhe diz: lembra da prima?  
- Ana, prazer, um abraço.

Eita, que a prima cresceu!  
Me deixou todo contente  
Será que minha avó  
Me mandou esse presente  
Voltei para comunidade  
Viver a vida de verdade  
Ou não é o consequente?

E um pouco mais tarde  
Ele procurou a prima  
E chegou do lado dela  
Ensaando uma rima  
Na hora ele gaguejou  
Porém logo ele achou  
A sua sincera estima.

Falou da vida sozinho  
E das coisas da cidade  
Viu na jovem um sorriso  
Que lhe deu felicidade  
Mas ouviu da jovem bela  
Que lá era vida dela  
Com o pé na comunidade.

Logo na manhã seguinte  
Seu pai cedo o acordou  
Queria lhe mostrar algo  
Ele logo acompanhou  
Seu pai apontou ao longe  
E como se fosse um monge  
Uma história lhe contou.

Ubirajara: No caminho para o rio  
Quatro árvores lá tem  
Uns as chamam de douradas  
Outros sabem que contém  
Serve pra lenha e mourão  
Cerca, remédio e carvão  
E que não sabe o vintém.

Ubirajara: Tem gente que come o fruto  
Mas você filho querido  
Tu vai fazer maravilhas  
Quando souber seu fluído  
Eu confesso que não gosto  
Apanhe-a que eu aposto  
Que vai ser encarecido.

Paulo César: Eu não estou entendendo  
Ou senhor virou profeta?!  
Falando misterioso  
Com curvas em linha reta  
Com meu respeito, meu pai  
Diga se vai ou não vai  
Tá me achando pateta?!

Ubirajara: Ei, muita calma, meu filho  
Respeite esse índio velho  
Que já andou nessas terras  
Onde tem escaravelho  
Vou lhe contar do começo  
Pra não ter um desapareço  
Como Cristo n'Evangelho.

No tempo de meu avô  
O velho índio Thomé  
Que doutro lado do rio  
Ele era o grande pajé  
Dizia que os ancestrais  
Tinham mais medicinais  
Por toda Parieté.

Pois lá eles possuíam  
Da mata sabedoria  
De suas plantas e bichos  
Cada qual a serventia  
Pra remédio, pra queimar  
Pra beber, alimentar  
Até tecnologia.

E esse conhecimento  
Nos passou em geração  
Até o dia de hoje  
Mas com modificação  
Umás coisas se perderam  
E outras se conheceram  
Em cada povoação.

É tarde, meu velho pai  
Muito já foi destruído  
E nem sequer mais existe  
Ou tá no tempo esquecido  
Não tem mais conhecimento  
Vivemos outro momento  
Isso tudo foi perdido.

Veja bem, querido filho  
O que eu tinha pra dizer  
Vejo que não é hora  
Você não vai entender  
Quando esse tempo chegar  
Enfim irei lhe mostrar  
O valor do conhecer.

Na manhã do outro dia  
Para colher mandioca  
Todo mundo acorda cedo  
Pulando que nem pipoca  
Paulo Cesar contagiou  
A todos quando contou  
Da saudade da maloca.

Depois foram descascar  
Para fazer a farinha  
Põe a massa no tipiti  
Espreme ela todinha  
Sumo vai logo saindo  
Tucupi vai garantido  
Essa semana todinha.

E no seu último dia  
Foi logo cedo pro rio  
Banhar naquela água clara  
Ouvir na mata assovio  
Na volta ele viu a prima  
E lhe cantou uma rima  
Ela contente sorriu.

E naquele mesmo dia  
Paulo César novamente  
Voltaria pra cidade  
Ter a vida normalmente  
Mas no seu pai repensou  
Na avó que não mais sonhou  
Foi pra casa tristemente.

A viagem até aldeia  
Quase três dias durava  
De primeiro vem um ônibus  
Que na estrada cansava  
Balsa no segundo dia  
Até a luz que sumia  
E no final caminhava.

A volta de Paulo César  
Também rendeu pensamento  
O jovem bem refletiu  
Sobre o difícil momento  
Mas voltar para cidade  
Pra sua realidade  
Era de pronto um alento.

A sua vida acadêmica  
Trazia muita aprazia  
Estava agora envolvido  
Com a Agroecologia  
Uma bolsa de pesquisa  
Chegou de forma precisa  
Para a vida que queria.

As aulas e o seu curso  
Tão bem desenvolveram  
Que bem logo Paulo César  
E amigos receberam  
Aval de seus professores  
Como ótimos formadores  
Eles muito agradeceram.

Em muitos lugares foram  
Conheceram muita gente  
Participaram de eventos  
Com pessoas competentes  
E tudo foi novidade  
Depois com maturidade  
Viu as coisas claramente.

Após retorno foi hora  
De seguir a conjuntura  
Enfim cumprira o curso  
Com bastante compostura  
E pela segunda vez  
Com aquela avidez  
Seguiu para formatura.

Paulo César tinha agora  
As duas graduações  
A administração  
Que tirou muitas lições  
E Agroecologia  
Que no seu peito sentia  
Era a causa das razões.

Após festa com os amigos  
Paulo César longe pensou  
Com o sol à tarde na vila  
E o que nela deixou  
Brincadeiras de criança  
Pescarias na lembrança  
Já cansado cochilou.

Já na semana seguinte  
Partiu pro interior  
Pois conseguiu um trabalho  
Pra ser coordenador  
Duma grande agrofloresta  
E assim seguiu com festa  
Com coragem mais vigor.

A cidade era distante  
Divisa com outro estado  
Mas ela era na floresta  
O que o deixa animado  
Com plantas e animais  
Trabalhadores rurais  
Era um grande aprendizado.

Na comunidade tinha  
Diferentes produtores  
Uns manejavam frutíferas  
Outros horticultores  
Alguns criavam galinhas  
Também torravam farinha  
Como bons consumidores.

O primeiro dia foi  
Um dia muito chuvoso  
E pela manhã já era  
Um cenário nebuloso  
Choveu muito aquele dia  
Mas o jovem parecia  
Estar bastante orgulhoso.

Um morador do local  
Veio até o seu encontro  
Devido aquela chuvada  
Houve assim o desencontro  
O morador era o senhor Luís  
Que cultivava raiz  
Em seu sítio Reencontro.

Lá no sítio Reencontro  
O jovem tomou café  
Ouviu causos do Luís  
Preparando-lhe um xibé  
Seu Luís muito contou  
Das sementes que plantou  
Por onde passou a pé.

Seu Luís falou da seca  
Que viveu quando criança  
E falou de noites tristes  
Também de desconfiança  
Da poeira, do sol quente  
Do incerto à sua frente  
E de um pouco de esperança.

Aquilo pra Paulo César  
Teve um significado  
Relembrou de sua avó  
Se deu conta do recado  
Aquele certo momento  
Que percebeu bem atento  
Todo aquele aprendizado.

Mas seguindo seu trabalho  
Paulo César se empenhou  
Nosso jovem aprendeu  
Bem mais do que ele ensinou  
E àqueles moradores  
De seus sonhos produtores  
Seu futuro dedicou.

Paulo César conheceu  
Melhor a permacultura  
Construção de sementeiras  
E meliponicultura  
A troca de experiência  
E toda aquela vivência  
Enricou sua estrutura.

Foi-se um ano de trabalho  
O nosso jovem seguiu  
E procurando sentido  
Sua vida decidiu  
Voltar à comunidade  
Com toda sua humildade  
Partilhar o que ele viu.

E voltando para vila  
Pensando no ensinamento  
Lembrando de sua vida  
Tão bem de cada momento  
Pois chegou a hora certa  
Quando relógio desperta  
E damos prosseguimento.

Foi passado um bom tempo  
Desde a última visita  
Na vila todos trabalham  
Como na vida está dita  
Homem, mulher e criança  
Cada um na esperança  
De deixar história escrita.

Ao chegar de volta à vila  
Lá não encontrou ninguém  
Pois foram torrar farinha  
E pra caçada também  
Mas achou a prima Ana  
Trabalhando na cabana  
E com assado no moquém.

Os dois então conversaram  
Saboreando tal assado  
E dali logo se viu  
O que estava já marcado  
Ele casará com a prima  
Pois já estava na estima  
Por serem primos cruzados.

Mas antes de tudo isso  
Foram para farinhada  
Encontraram os demais  
No meio da empreitada  
Viu que a lenha que queimava  
Mirixi não fumaçava  
Como aquela estacada.

Ninguém lá acreditou  
Que ele não a conhecia  
O tronco da copaíba  
Que queimava todo dia  
Tinha um óleo inflamável  
Mas tinha cheiro agradável  
E brilhava à luz do dia.

Paulo César descobriu  
Seu uso medicinal  
E seu pai lhe revelou  
As árvores afinal  
As copaíbas de pé  
Valiam mais que café  
Lá na guerra mundial.

O jovem utilizou  
O que na vida aprendeu  
E contou todas as árvores  
E o óleo que rendeu  
Formou cooperativa  
E com a iniciativa  
Sustento desenvolveu.

E a cooperativa  
Ao povo deu mais visão  
O trabalho renovou  
Toda essa situação  
E o jovem refletiu  
Que o estudo que investiu  
Foi a realização.

E lembrou de sua avó  
E de tudo que viveu  
Voltou para sua terra  
E usou o que aprendeu  
Descobriu o seu amor  
Da árvore o seu valor  
O futuro que escolheu.

*Copayba*, do tupi, significa árvore de vagem pequena.

Na língua Wapixana é chamada *Pinbaukyn*. Na língua Macuxi, é chamada de *Mi'niye'*

## O AUTOR



**Rodrigo Leonardo Costa de Oliveira** nasceu em Vitória de Santo Antão, Pernambuco, em 1981. Desde a infância, teve contato com diversas manifestações culturais do Nordeste, dentre elas a Literatura de Cordel, que veio a influenciar profundamente sua produção literária e científica.

Desde 2006, é Professor de Botânica do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Roraima (UERR) e do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências. Começou a escrever cordéis sobre lendas, mitos e belezas do estado em 2008 e desde 2011 desenvolve ferramentas para o ensino, popularização e divulgação da Ciência. Ministra palestras e cursos sobre o Cordel em Escolas de Ensino Fundamental e Médio, e também em cursos de graduação e pós-graduação de instituições públicas e privadas.

Já escreveu mais de 80 cordéis de diferentes temáticas e estilos. Em 2012, foi homenageado pela quadrilha Zé Monteiro, junto com demais cordelistas, no Arraial Boa Vista Junina. Seus cordéis já foram tema de trabalhos de conclusão de curso de graduação e dissertação de Mestrado em Letras na UERR e na UFRR.

Contato do autor: [rodrigo@uerr.edu.br](mailto:rodrigo@uerr.edu.br)



ISBN 978-65-89203-08-7



9 786589 203087 >



Inteligência Artificial: A Nova Fronteira da Ciência Brasileira

17ª SEMANA  
NACIONAL DE  
CIÊNCIA E  
TECNOLOGIA

Nupecem



MINISTÉRIO DA  
CIÊNCIA, TECNOLOGIA  
E INOVAÇÕES



PÁTRIA AMADA  
BRASIL  
GOVERNO FEDERAL

